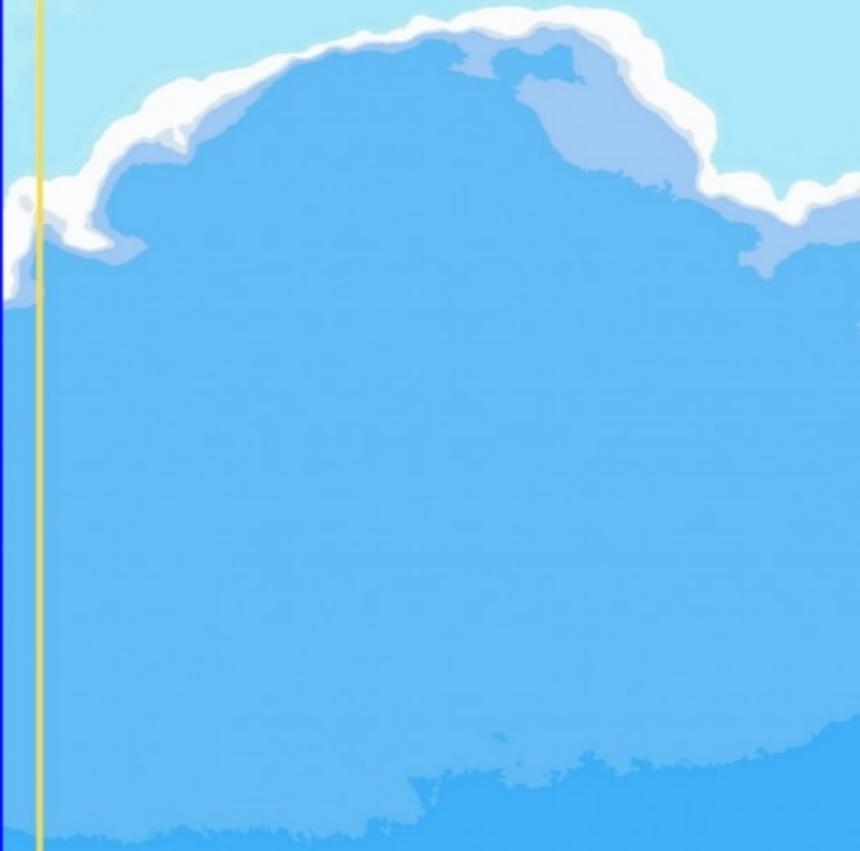


FRAGMENTOS

Filipe Alexandre de
Andrade Sá Moura



Fragmentos

Fragmentos

Filipe Moura

Fragmentos

Copyright © Filipe Moura

Capa

Rodrigo Rojas

Fragmentos. / Filipe Moura — São Paulo:
LivroPronto, 2010.

ISBN 976-85-7869-142

1ª Edição

Este autor apoia



filipe.sa.moura@gmail.com

Índice

| | |
|---------------|----|
| Fragmentos I | 13 |
| Fragmentos II | 24 |
| O Vulgar | 36 |
| Tu | 38 |
| Pai | 40 |
| Pai e Filho | 41 |
| Lágrima | 42 |
| Sonho | 42 |
| Par | 44 |
| Vida | 47 |
| Amar | 49 |
| Muro | 51 |
| Pensar | 55 |

| | |
|---------------|----|
| Amizade | 57 |
| Aprender | 59 |
| Viver | 68 |
| Amor Profundo | 76 |
| Máscara | 77 |
| Lembrança | 79 |
| Senti | 80 |
| Amante | 81 |
| Reflexões | 82 |
| Noite Clara | 83 |
| Escrita | 84 |
| Falecimento | 85 |
| Abismo | 87 |
| Espera | 88 |

| | |
|----------------|-----|
| Escada | 89 |
| Sede | 90 |
| Existência | 91 |
| Sol | 92 |
| Renascer | 93 |
| Olhar | 94 |
| Culminar | 95 |
| Viver Morrendo | 96 |
| Leaver | 97 |
| Interrompido | 98 |
| Ser | 99 |
| Ausência | 101 |

Fragmentos I

Enclausurado e exposto num norte gelado

Um lençol antigo à espera de se enrolar

Uma luz queimada em tons laranja

Um cobertor aquecido quanto esquecido

A alma que exige e tolera os

frios electrizantes

De uma memória solta, não ligada

Ficcional e existencial, o som propaga-se

O quente do ritmo solta-se

Tempo de invadir o eu

E explorar sem calor um mundo quente

Em arrefecimento, a atmosfera não era
a mesma

A esfera rola para um canto

Um ponto inclinado sob o oceano
Da superfície, ao interior do magma escaldante
à selva do explorar e impressionar o
Impressionante do lazer e não ter outra forma
de o dizer
São palavras, palavras quentes ou
Muito frias, como o cadáver sombrio
Muito frio, eternamente gelado
Um sonhar quente de uma nascente e um
vale,
Um rio sem riso uma esperança mutilada à
espera de se encontrar
E mostrar o que ilude e alude ao criar devagar
e mostrar
o que só se imagina sem distância
E com a devida equação se problematiza toda
a questão

Quente muito quente, mesmo escaldante o
som

Da guitarra que vibra de sede de uma cultura

Em que nasce os seus frutos e mais ou menos
astutos

Sem perdição resolvem a situação

Agora existencialmente parado, afectado pela

Morbidez das palavras que transmitem a sur-
dez do silêncio,

que dizem cuidado aos mais acuidados

Isto é levantar a suspeita do não dito

Mas eficazmente transmitido

Sentido e escrito.

Toda a verdade é que não há verdade entre

O pensamento a acção e forma de se
encontrar

Através dos comportamentos
Que geram artifícios e manobras ao próprio
Conductor, e vê-se rendido à ilusão da palavra
Sem sentido mas dita com razão,
É inacreditável
Porém toda a forma tem um acto subjacente
Ao puro infortúnio do inoportuno
Ver crescer e saber o que fazer uma situação
Que carece de algum sentido da própria
Descrição, visão ou sentido, muitas vezes di-
zemos o que não pensamos e ver que é saber
fazer e aprender com os demais e com sinais
de igual ou parecido
Ou sob a forma de adição
Eis um exemplo de missão
Qualquer sentido abstracto de forma

não realista

Era na sua verdade um totalista

Unitário quanto carácter fragmentado mas
unido

De um mundo que é parecido e como sempre

Temos a semelhança, mas não a sua
igualdade aí poderá estar um fundo de razão
e perdido no seu alheamento, eis um carácter
pela forma de estar

E sentir os calores que provêm do mesmo
seu interior

Poderá ser parecido

Com um pintor de uma forma de moldura tão
recta como architecta, da razão absoluta não
definitiva

Com que relativa a qualquer subjugação

Ou subversão do imaginário

De uma simples realidade em que saía com

naturalidade a sagacidade e acutilância sem
importância, transportado pelo futuro que
tudo tem de puro, como a realidade de um
passado duro

Inconscientemente e consideravelmente exer-
cia na sua ferocidade a vivência de uma pala-
vra que imagina sempre uma imagem

Desolação eis um momento

Captado pela atenção

Munido de fragmentos

Eis que se junta o consciente ao presente

Invade em mim ser de escrever, Onnipotente

De não ser claro

Tão recto como as linhas de um horizonte
onde

O sol se põe e esconde

Mergulhado e adormecido

Via-se vencido, mas nunca arrependido

Pois havia de voltar a nascer e ser o mais
brilhante pois era o único, o sol manterá a
nossa vivência

Luminosa e de modo energético se põe em
marcha em que todos os pormenores são des-
critos à mínima sensibilidade só de acontecer
e memorizar cada palavra com seu sentido
e mantido no silêncio da sua paciência, uma
escura clarividência, não projectada, mas mi-
norada de qualquer instinto não racional, o
ser que me invade não sou o eu

Ele próprio se constrói e mantém os pilares
como um Aquiles, sempre actual no mundo
ficcional

Que nos se apresenta, sem que alguém
esteja atenta

Esses espões do eu são os meus louvores da
notoriedade, a áspera realidade, de só

Aquecer os motores da locomotiva

Em que fazemos esta viagem muito louca e profunda em que o túnel, poderá não voltar a ver o tão interior do seu escuro com a saída dessa imagem e um fim luminoso, a espera só de um fim

O que nos motiva e nos impulsiona

E uma força inquebrável algo tão fascináveis como nada fiável, difícil de saber e nunca aprender

Era uma teia que se rompe porém, voltando a formar-se a teia, era resistente e como que um acidente na narração, havia um tiro de profundidade que o matara em tenra idade, o ódio subjacente

Mas nunca indiferente a alguém ou da sua mente ou qualquer gente, assim de uma forma

Inteligente dizia a toda a gente que somos todos a nossa soma, e que venha mais gente

Diferente e semelhante igual, ao seu carácter original, de facto há um fantoche a qualquer acto e da peça que represente, uma viagem

perdida no espaço das letras

A arte de criar o espaço á própria morte

De qualquer ponto final, o culminar nunca foi
o fim, o morrer para nós nunca acontece

Só acontece aos que nos conhece e quando
morremos nunca sabemos era uma palavra

Que não tinha fim mas simples e engenhosa

Um pouco manhosa como a raposa que se
quer alimentar de uma fome incomensurável
do que é aprender, e quer sempre mais saber,
aí esta a fonte da longevidade, nunca saber o
que não acontece, e porém no passado guardado
foi alpinista e moveu a fé da sua montanha,
e os limites são só o início

De um precipício

Uma juventude de atitude, supera qualquer
atitude

E quando descemos e vemos o quanto já
alcançamos

Na conquista só de conhecer, um pouco
mais de ser

E nunca querer perder e todos conseguimos
voar

A qualquer ponto em que nunca caímos por-
que aprendemos a voar e imaginar

Tudo, mas tudo são

Palavras

Fragmentos, ideias, e pensamentos.

Águas fundas de tão profundas

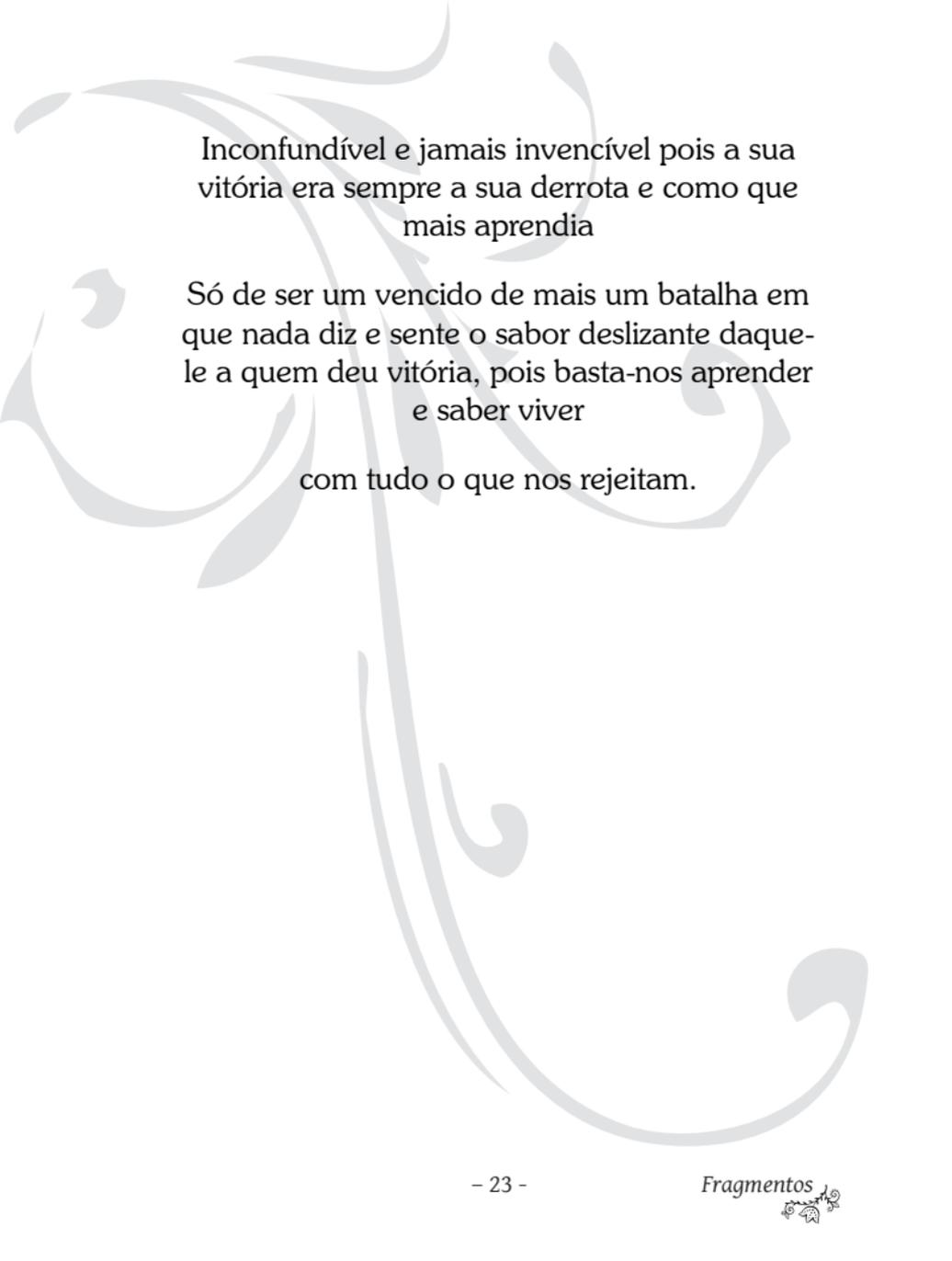
As artes de iludir aludindo a um tema
sem certeza

A maresia surge e como que por magia

Da leveza da energia e sentimental

Embebecido e ternurento de um pouco

De mais um acrescento vindo de um só mo-
mento



Inconfundível e jamais invencível pois a sua
vitória era sempre a sua derrota e como que
mais aprendia

Só de ser um vencido de mais um batalha em
que nada diz e sente o sabor deslizante daque-
le a quem deu vitória, pois basta-nos aprender
e saber viver

com tudo o que nos rejeitam.

Fragmentos II

Mergulhado, afundado, ao longe um vão de
escada

Rangem os degraus metálicos

Um trapo de limpeza, um balde no chão,

Quadrados em mármore, nas paredes uni-
das em quatro, um gota-a-gota cai e na
profundeza, levemente, alguém agita o andar

Luz fosca, desamparada, um só entupir da
superfície

Um raio de luz com efeito de sombra, reflecti-
do no vidro um rosto, um olhar ao estilhaçar,
um só mergulho, naufragado, emergente a
boia que me salva do sufoco, louco, evadido e
perdido

Entre estrelas e o vazio de abismo

Virtude em termos de atitude, em plenitude
do sofrer e ser, antes de temer, então largo
o piano

Na estrada descida sobrevoa o alcatrão
O piano estava no chão e então que toca o
Primeiro som, a primeira imagem o som do
eco profundo do vazio de uma barbatana que
nada
Em água, finalmente salto, encorpado de mo-
vimento
E tudo o que sopra e é arrastado, para uma
ilusão desvanecente, era diferente, por um
momento
Num oceano de profundez, líquida e salgada a
escrita do lápis sem cor, era um actor
O espectáculo culmina em festa
De um presente que me deixa contente, um
pijama na cama, um leito derramado
Efervescente e diferente, era uma imagem
sem paisagem, tudo de uma inalação, alte-
ração da percepção, e a transmutação era
evidente, sem rasgos, sem linhas, sem normas,

sem algo faltando tudo no nada, um conto,
que não cresce

Não aparece, dificilmente se narra e estamos
atados, verdade, correntes e cadeados por
todos os lados

Uma fisga, um alvo e fica-se estupefacto como
uma seta sem alcance, um laço num nó

Uma escrita derramada, incontinente, uma
escrita borrada, nunca apagada, tudo o que
via queria

E quem tem queria sempre ter, e no fundo
não passaria de um ser, cortante e laminada a
áspera barba, um só bigode, um cabelo, um e
mais um

De cada rosto, um toque, de cada insolvência

Seu pecado, de sua intemporalidade até ao

Presente e eis que totaliza só e só um pano

No seu balde, uma gota no oceano, um fio
amarrado

e uma escrita violada e dilacerada, trechos
Somente textos em papel
Uma noite brilhante feito de um instante
Um sol irradioso e caloroso, uma telha luminosa
E um espelho para ver diferente, então da leve
ilusão, a gota que caía no chão
E tudo sem um não, então saía à superfície
A leitura de uma ternura em que o pano abafando
De um mergulho se estende à razão
E vem tudo à questão, o brilho a intensidade
Da sensação da situação fica evidente que
após profanada e acorrentado se torna livre de
qualquer arbítrio ou sinalização...
Uma janela aberta em cortina fechada
Um ver o teatro do próprio palco

Uma prancha, um nadador-salvador, eis a
fortuna, salvo, então na areia estendido, vi
terra e vivi, desde aí o momento do mergulho,
todo o orgulho

Incandesce e descíamos ao fundo de um mun-
do, de ver uma simples canção, torná-la em
satisfação, de

Repente um golpe, uma visão, todos vivemos

A realidade de uma entre outra premonição

Algo que iria acontecer e iria suceder

O espasmo do liberto e desperto

Para o ser que sente e de uma letra

De um soneto nunca perfeito

De uma rima desnexada, corria uma só frase

Daquela fase, portanto onde iríamos

Sem sairmos e onde estávamos

Sem entrar, na linha do desaparecimento

misterioso

Um pó na sujidade um ponto

De verdade na ilusão de toda imaginação

Então explode o cometa, e neste planeta

Viver nem sempre é treta, com uma base
suspeita

A intriga estava montada, o plano não aborta

Então oiço uma voz absorta, e o uivo da letra
é lobo da história, da perfeição à destruição
era contido

Um foguete num estrelar à beira-mar

Tão esquisito aquilo que já fora dito

E começo a descer a escada no vão do vazio

Um só largar de um degrau, então o corrimão
de metal era automático e só um pé no rio,
descalço e frio, tudo o que não parece é por
ser

Tudo desaparece e esvanece. Todo o universal
é tal e qual, então só uma língua, numa boca
aberta pelo prazer sedento de te beijar

Eis que beijo e desejo, um trincar do teu olhar

Quando na viagem do teu barco encostar

E um ver com verdade uma coisa, que não é
irreal mas sim um imaginar, do teu nariz petiz
um quente de sensação, e voa e conquista
Plutão, com o coração

Uma pedra no charco

Uma vida separada

Um retrato nem sempre fotografado

Eis que a loucura ia ter uma sanidade mental

Ia ao ponto onde tudo criara e de um beijo
solto à espera de se prender, com uma força

Só do existir, com uma convicção, sempre
amarrada ao seu coração, uma vontade de
bombear e

De um fluxo se imagina a corrente

Em que o caixote eram quatro paredes

E um olhar de um filamento sem razão à
espera de se iluminar a força, que não teme,
não vence, nem perde, É a vontade de
criar e do vago

Mar com um pincel pintar todo o alfabeto
com cada cor, a sua sílaba e a força, culmina
na vontade de ir

E ir e deixar-se ir, sobretudo construir
um castelo

Na pedra sob a cascata e o rio

Na corrente levar tudo em frente, sobretu-
do tinha algo na mente, muito diferente do
igual e um simples conto da viagem, da sã
virtuosidade do

Que não se vê mas se propaga

Então subi mais um degrau

Ainda a escada andava para trás
No avanço de um passo e um levitar
E só um tentar subir cada degrau a seu firme e
convicto ar de imaginar
O piano que se partiu no chão do alcatrão
Só tinha uma tecla, e não era dó nem ré
Era ter fé no acreditar sempre um divulgar
De estar e conseguir só mais um instante
Perfumado da paisagem quente no brilho do
mar vejo-te a amar, no meu mergulho, foste
a minha boia
No naufrágio o meu barco
No pano lavado que limpa o piano montado
numa sala de estar onde
ninguém queria estar
E eu só queria era lá entrar

Então na porta estava a saída
De tudo o que imaginará e nunca
aprofundará, era o desejo de
te ter num laço o coração
E a teu par, ele tudo bombear
E então o turbulento, é menos sensato
e no acto
Do bombardeamento já era acontecimento
Da guerra pela paz
Tudo unido com vários sentidos
Um partir no ir e expandir o que voltava e
depois o pássaro que canta e
encanta só hoje aprendeu a sua música
Nas letras, todas ordenadas sem coordenada
A tarefa era trazer e no fim temer não crer e
enfim não voltar

Essa viagem de todo o percurso já era
Profundidade da gota no telhado, da janela
entreaberta e do frio, no escuro de um acto
de um facto, nunca acontecido mas relatado e
supõe-se inventado para ser pensado

Aquele emergir era só desabafar
Aquele água era só sede do teu beijo
Num desejo só a ti tocar e o piano
Era parte de um plano para te tocar a nota
que te conquistará

Um sentir aguçado uma lâmina sem corte
Era uma escrita forte que não golpeará o já
sentido

Uma amarra na noite solta de estrelas
Uma viagem sobre o futuro
Que não chegará, o presente diferente do pas-
sado e era o golpe, era

só uma história

Que tudo profanava e no fim deixava

O que vinha de Plutão para, escrever só o

Amor de um só coração

Entre dois muros impossíveis de saltar, onde a
cerca

Nada afastava, num círculo aberto, de um
quadrado rectangular

Aquele nó aquele aperto, do sacudir o pó e
ver o piano só tocar no teu dó e no quarto

Escuro de uma imagem fotografada, pela pe-
lícula do rolo, pequenas imagens, em tons de
fragmentos

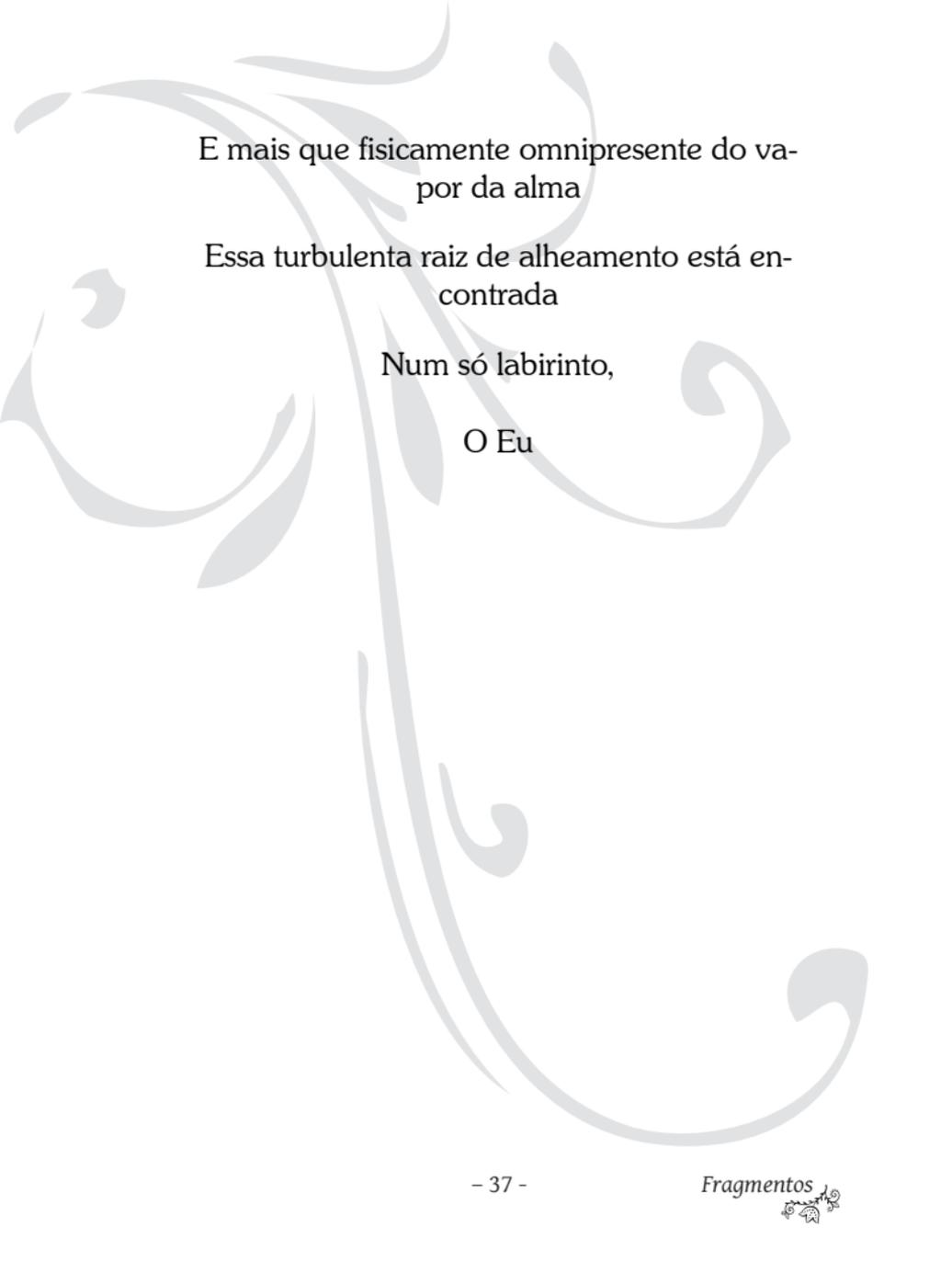
Vejo que és tu reflectida num pedaço em
que

Tudo se une porque te quero, reflectida à mi-
nha imagen, só tu és a moldura do espelho

O Vulgar

Como sair desta dor
Que se imerge e agudiza
O sofrer de um doer só
E único.

Bastava um olhar para sem
Matar, problematizar e toda a gota
De lágrima é descoberta de um
Coração mergulhado e profanado
Então surge a corrente que me enlouquece
E me acorrenta os pulsos e todo o impulso
De estar condenado à alma doente
e tenebrosa
Esse pó que nos sacode irrompe-se pelos sen-
tidos



E mais que fisicamente omnipresente do va-
por da alma

Essa turbulenta raiz de alheamento está en-
contrada

Num só labirinto,

O Eu

Tu

Arrastado pela corrente submersa

A apatia de mais um dia, despedaçado

A corrente que me aperta, solta-se...

No momento quase urgente, todos esperam...

A alegoria de viver, transportada de bucólicos
momentos...

A tocha a arder, fulminará, eis um fulgor e se
acende a chama...

Que por ti queima o meu pobre coração, um
cavalo solto à espera de se amansar...

Desfruto de tudo o que sinto, pois sentir-te
como te sinto, nesse tempo infinito...

Que se cruza com o passado envolvente e que
marca qualquer vida de ser vivida.

O nosso reencontro debilha-se em magia que
é só o de te olhar e ver...

O teu rosto materno, a sensação de carinho e ternura só me levantam toda a amargura...

Só preciso de viver e sempre te ver até morrer...

Um escaldante movimento de lábios a uma sensualidade, uma felicidade transparente...

Como um abraço sentido à espera de ser vivido, uma união forte...

Sobretudo além de te desejar, ambiciono que sejas tão feliz como um petiz...

Uma raiz semeada, alimentada e fortificada...

A amizade é o mais nobre do amor

Deixa o meu coração bater o teu ritmo...

Pai

Num ai

Fui pai

O momento mágico

Da aprendizagem maior

Sempre de esperança

Ao maior amor

De ter um filho

Amor maior só de mãe

Amor de criança

É gigante

Sempre atento

E inteligente

Pai e Filho

O meu filho explode-me de alegria

A sensação, a emoção, a afectividade, amor e carinho, é uma força que nos alude para a alegria eterna, a vontade de afecto, partilha, lição e devido ensinamento de ambos transborda de felicidade ao que qual de nós aspira em ser eternamente jovem aprendiz em pai novato.

Queria dizer como te amo, como te sinto, como cada qual momento de ansiedade de uma pergunta e só mais um pouco porque me fascinas. O teu brilho será para mim sempre uma imagem de êxtase numa moldura onde cabemos os dois, mas tu és sempre o mais bonito.

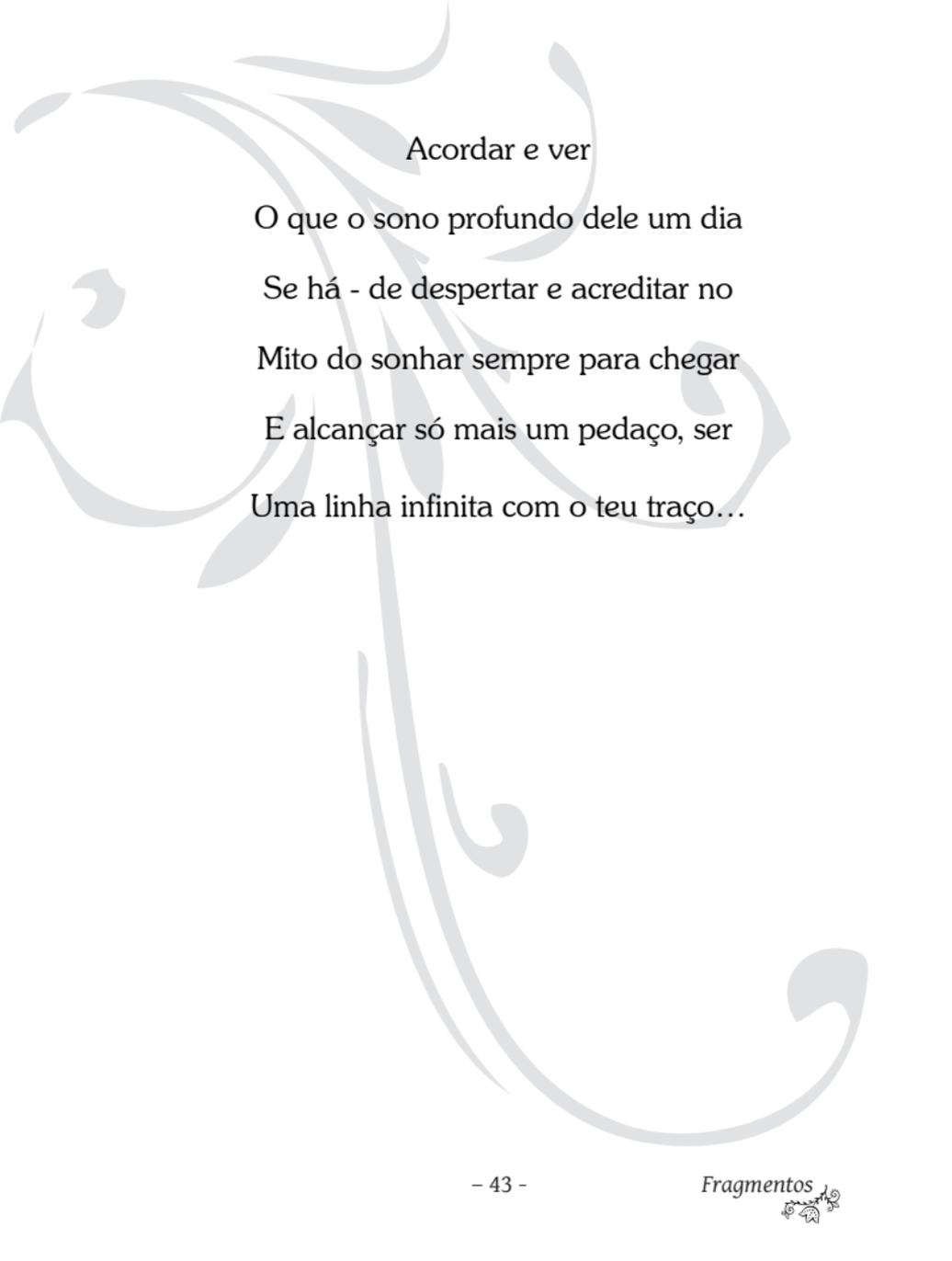
Longe vieste do simples nascer ao pensar só a ti preencher, como me enriqueces, és uma loucura a verdadeira ternura

Lágrima

Um dia se tivesse uma lágrima depositaria em
teu rosto para não mais chorares

Sonho

Quis mergulhar
Intensamente acordei
No meio do mar
De um sono que perdurará
Anos a fios, o sonâmbulo
Sonhador, de uma alma de noite
Que ao entardecer o vulto da sombra
Se invade e desperta o escurecer
Da ilusão pura e crua, do mais eterno



Acordar e ver

O que o sono profundo dele um dia

Se há - de despertar e acreditar no

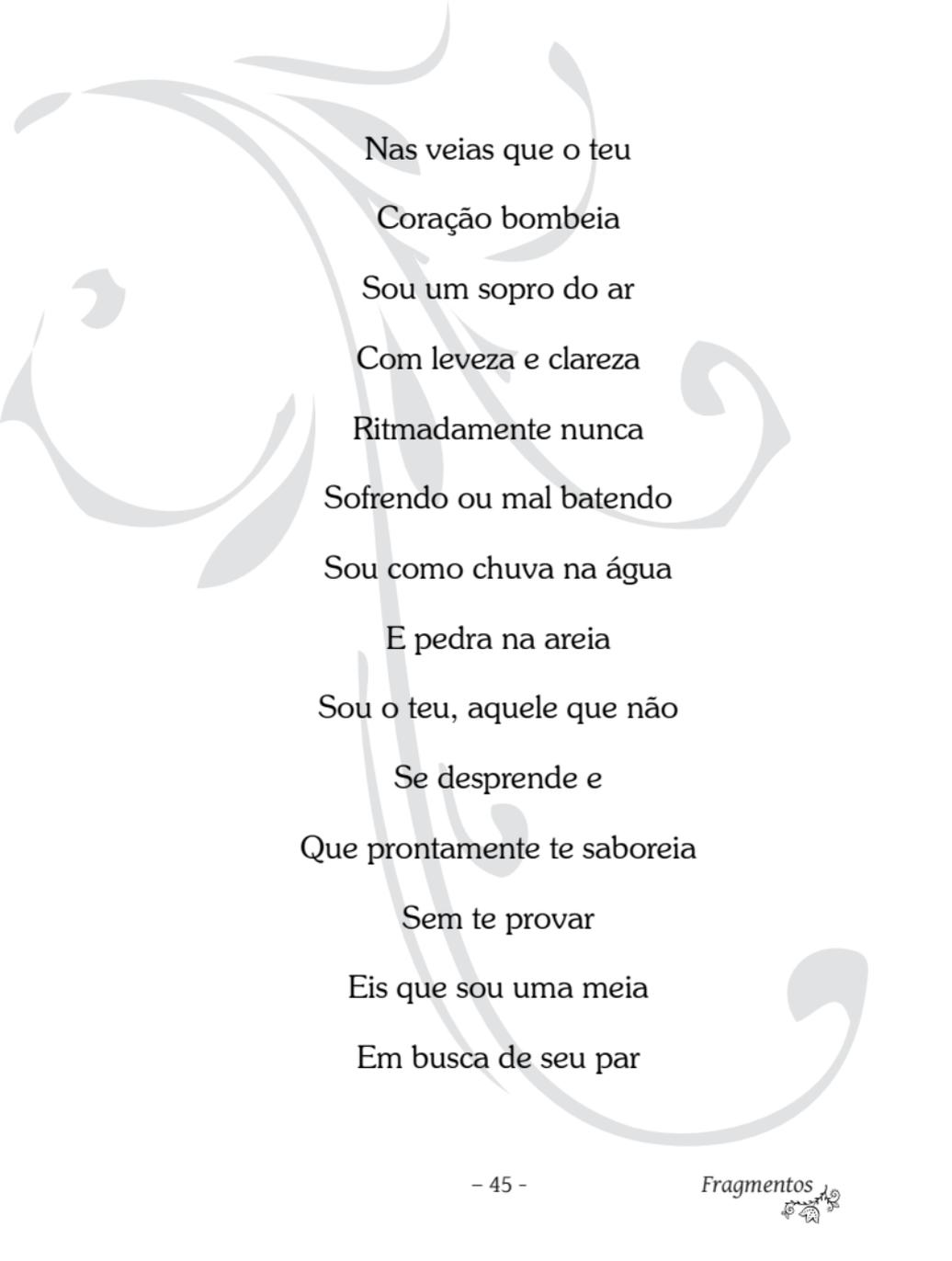
Mito do sonhar sempre para chegar

E alcançar só mais um pedaço, ser

Uma linha infinita com o teu traço...

Par

Quis um beijo
Um sono tranquilo
Que nos entorpece
E desejamos por mais
Talvez não queiras saber
O doce que há em ti
E em que dizes palavras
Suaves e nos refrescam
O palpitar de um agitar
De um coração que te imagina
Apertado, entrelaçado
E nunca mais desatado
Sou uma corrente



Nas veias que o teu
Coração bombeia
Sou um sopro do ar
Com leveza e clareza
Ritmadamente nunca
Sofrendo ou mal batendo
Sou como chuva na água
E pedra na areia
Sou o teu, aquele que não
Se desprende e
Que prontamente te saboreia
Sem te provar
Eis que sou uma meia
Em busca de seu par

Uma bota mergulhada
Desatada à espera de se amarrar
E um laço que nunca desfaço
Porque és o sapato do meu par
Que tenho gosto de amar

Vida

No eterno guardar

Ela aí se põe

E depois não há como

Enfrentá-la, contorná-la ou manipulá-la

É o terror do dissidente

Que efervesce e culmina

Num só ponto

Paralisação da mente

Da criação, imaginação

Ou só pintar um traço

Florescente de verde

De tonalidade e agarrar a vida

Nesse tom de viver e

Florescer, cá se encontra
O marcador que sempre quiseste
Assinalar,
Vive
Intensamente

Amar

Eis que rapidamente
Se reencontra do desejo
Ao conquistado
Vai indo e embatendo
Nas pedras do mar
Salgado e banhado
Aprofundado e mergulhado
Eis que sobressai
O frio que entra pelo nado
Sossegado e abstraído
Vi-me envolvido com a água
Da nascente ficando a poente
A passagem para o outro lado

Nada é difícil basta pisar nunca
O mesmo passo e avançar
Deixa o teu coração tocar
A música que chama por ti
Vento, mar e um terreno conquistar
Basta amar

Muro

Se fosse acontecer

Não iria saber

Sopra o frio, irrequieta

A mente gelada

Profanada, vendida e

A alma, essa arma pura

De sentimentalismo

Sem caminho, atada

A um corpo

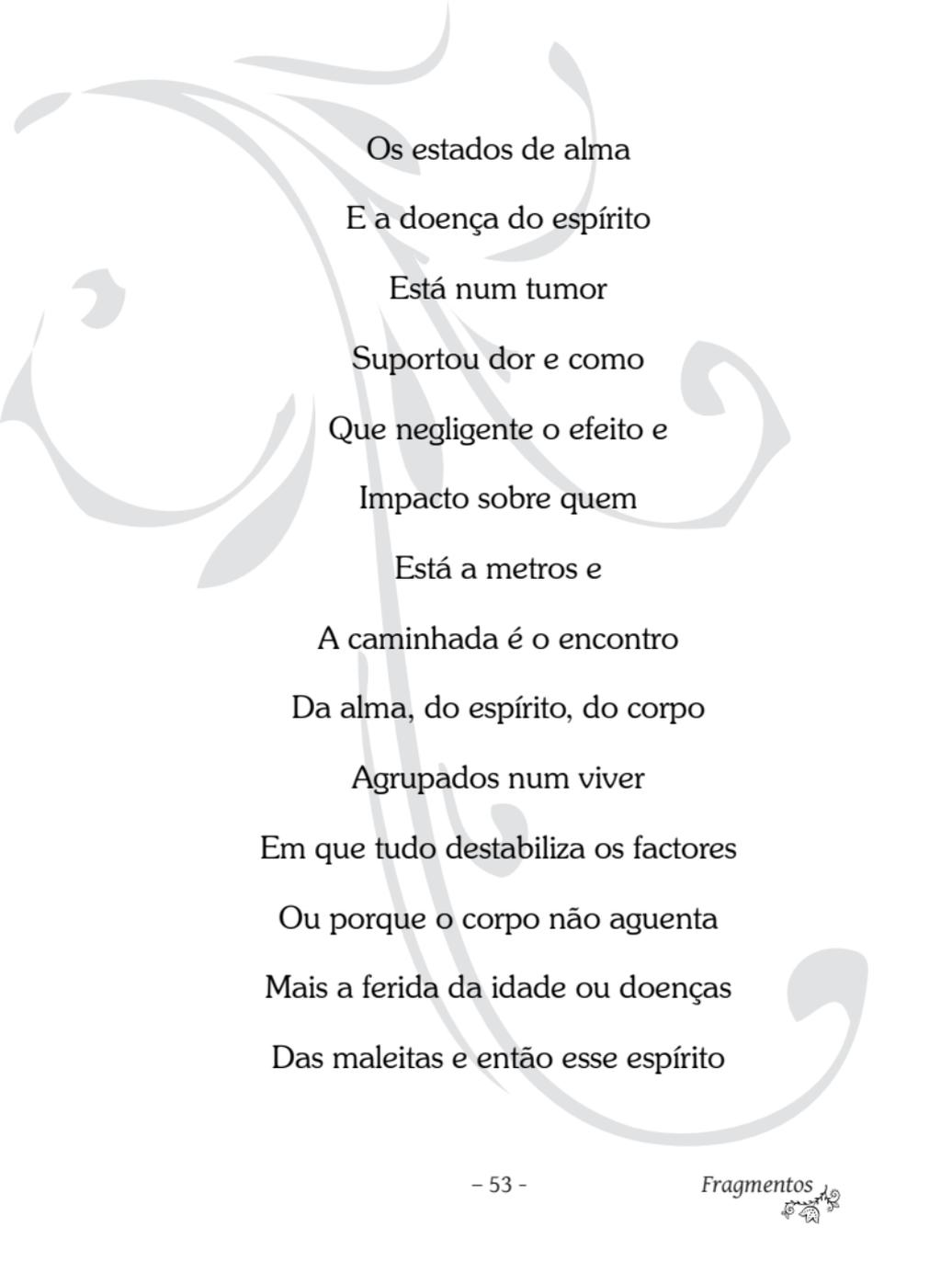
Que alucina e vai estando nunca

Chegando, porque a alma

Não engana, o interesse

Superioriza mas ela é pura

Daí que proeminentemente
Se expõe num círculo
Fechado, meio entreaberto
Para com que com a subjugação
A ilusão e vindo da imensidão
Surge um trovão
E tudo pára no momento
Da luminosidade do efeito
Porém a doença do espírito
Essas necessidades do corpo
E que conscientemente nos
Mergulha no abismo do próprio
Ser e levita, remanesce e como
Um apêndice que perturba



Os estados de alma
E a doença do espírito
Está num tumor
Suportou dor e como
Que negligente o efeito e
Impacto sobre quem
Está a metros e
A caminhada é o encontro
Da alma, do espírito, do corpo
Agrupados num viver
Em que tudo destabiliza os factores
Ou porque o corpo não aguenta
Mais a ferida da idade ou doenças
Das maleitas e então esse espírito

Do eu e do nosso egoísmo
Venham à nossa vontade
Porém perturba a alma
E esta em expoente máximo do pensar
Actua sobre o espírito corrompido
E invadido
Puro, duro
Forte como um muro
Incapaz de sobressaltar

Pensar

Um líquido de imaginação

Vertido, um derrame

De fascínio

Uma loucura imersa

E profunda

Ela suporta amistosamente

Através de feixes de harmonia

E um corpo de magia invade

E penetra o consciente inconsciente

Do mundo das aparências

Eis que viver

Se torna a beleza

De um puro respirar

E o infinito
Se torna limite
Visível e expande
Entre palavras
Sentimentos
E um actuar
Sem emendar
O seu pensar
Provoque o pensar
E imagine sempre
Imaginando
Superiorize
O estando,
Pensando e actuar para mudar

Amizade

Crepuscular

Ao anoitecer

Ver tudo a

Acontecer

No abrigo

Longe do imaginário

Inimigo, a

Batalha iria

Atravessar umas

Tréguas,

Com paz de espírito, volvendo

À tranquilidade, a noite estava

A cair, e eu começava

A sentir esse toque
Esse sentir na pele macia
A vontade e energia
Amizade sem idade
O puro gesto de carinho
Mais forte que qualquer
Paixão ou amor
E qualquer que seja o ninho
Só o toque de um polegar
E basta imaginar
O que se sentia
E passava a corrente
De toda a energia

Aprender

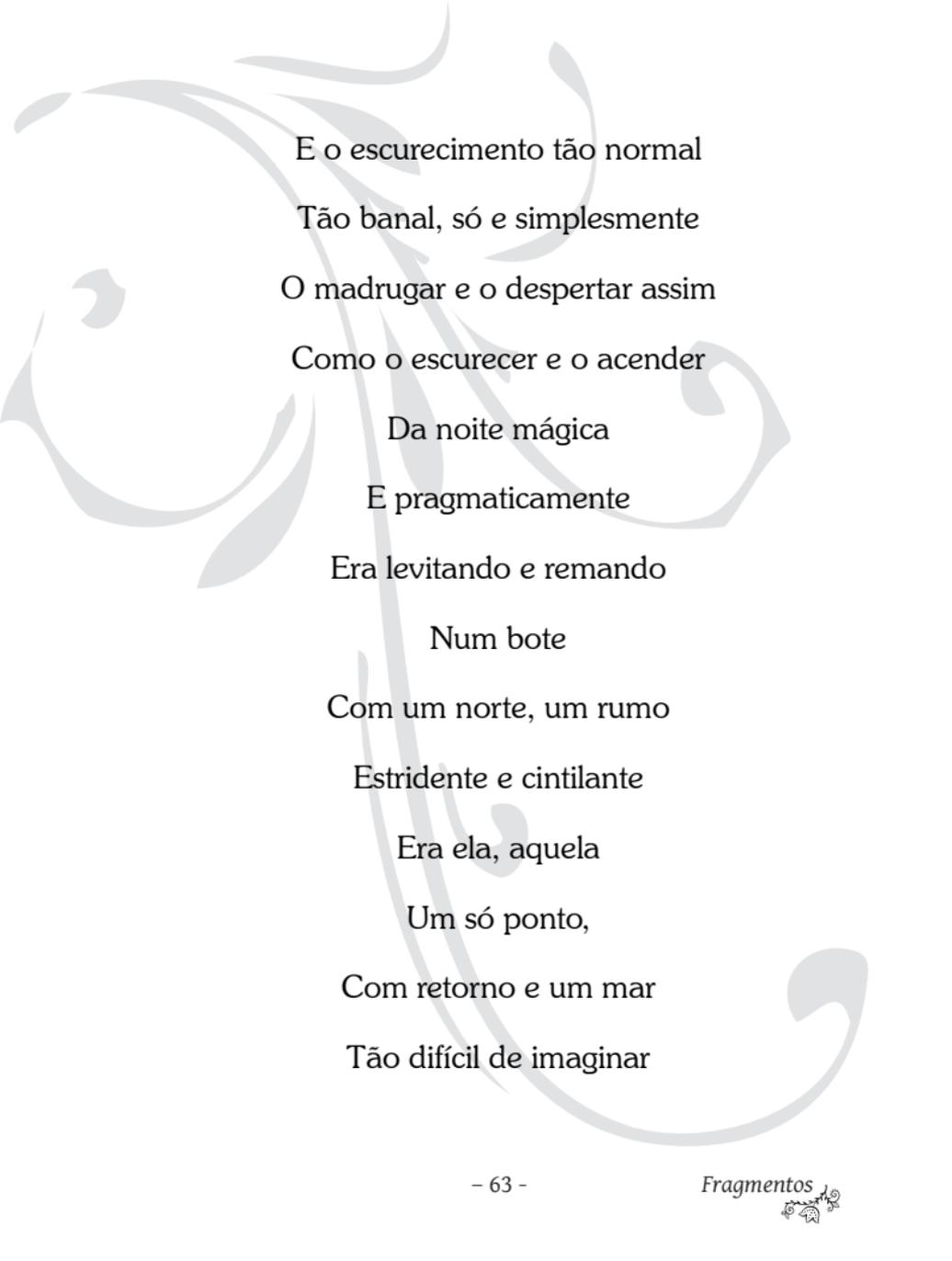
Deslumbrado

Fascinado e com o caldo
Entornado, Aliás deveras
Macambúzio ou afrontado
Porém sentado, em alerta
De estado, sem o mínimo
Do sentido do minimalismo
Eis que roda pela cidade
Inteira, então confundido
Ou mal compreendido
Não sei se estava decidido
Porém tudo nos faz sentido
Aquando do simples prazer

De te escrever a pedido
Não exigido, quando acontece
Permanece e esvanece
Tudo o que sentiu
E viu, contudo
Só olhar, ler e escrever
Interpretar, assimilar
Transportar e ensinando
Aprendendo, eis que
Cresce o alento
Com a força do vento,
E então desaparecendo, voando 7 mares
Poisando o dito por dito
Eis que mergulhava, ia e

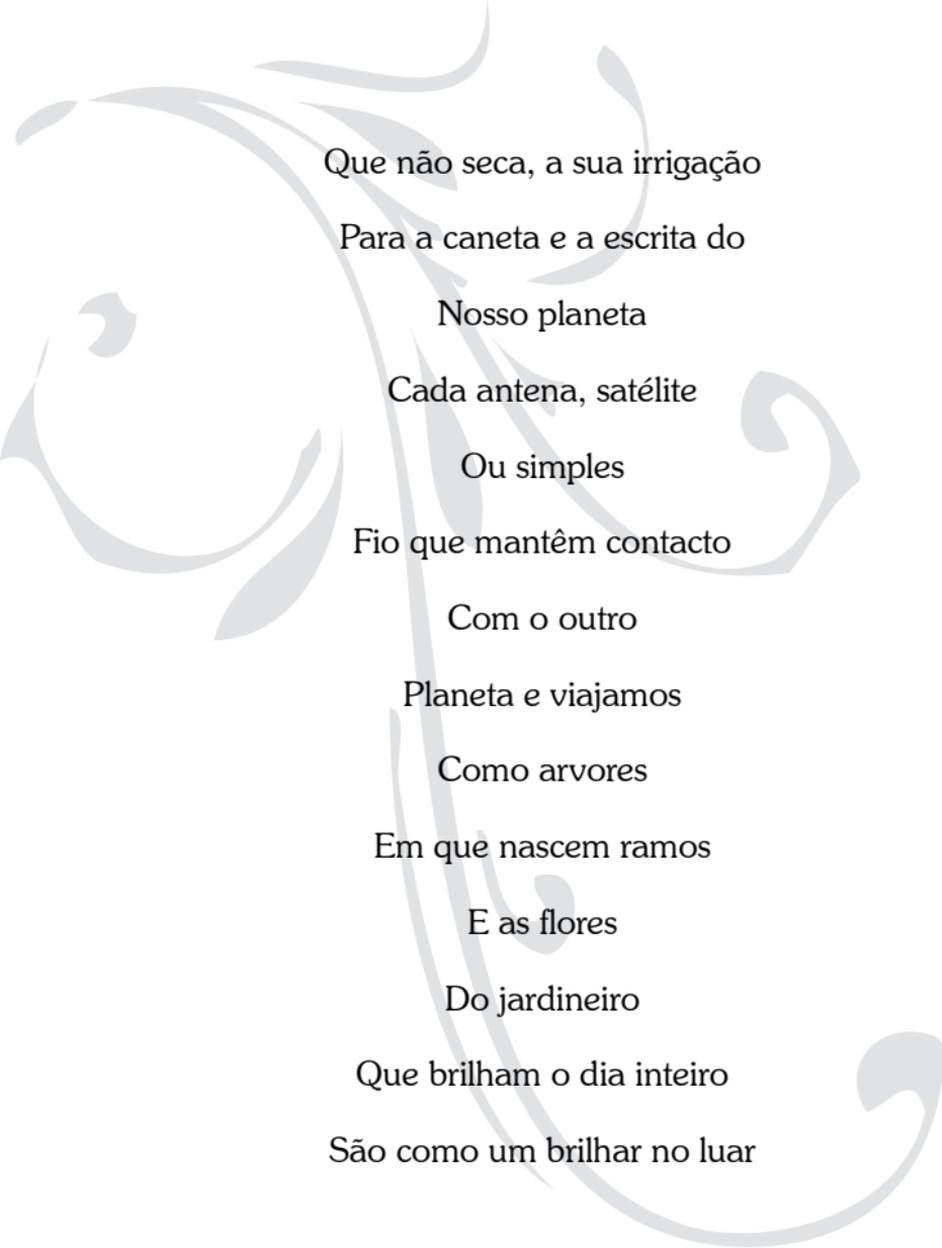
Aprofundava, todo o
Amigo do amigo
Esse amigo indivisível
E porém não visível era
Um alerta, um pensamento
Do talento que voa
Corre, percorre e imagina
Lá e não estando
Mas sempre presenciando
Volta a nascer o que um
Dia um cada um só pensa
Porque já, hoje, agora
É futuro e o escrito
Duro do usufruto de um

Simples bafejar e sobretudo
Criar e imaginar e voltar
A recriar e volta
Ao seu lugar pelo qual
Nunca tinha saído
De lá, mas assim
Acolá, já está
Olho para o relógio
De preferência, Pontual
Actual e factos
Presenciados, são
Assistidos e num original
Sentimento, de prazer
Que vem com o enternecer



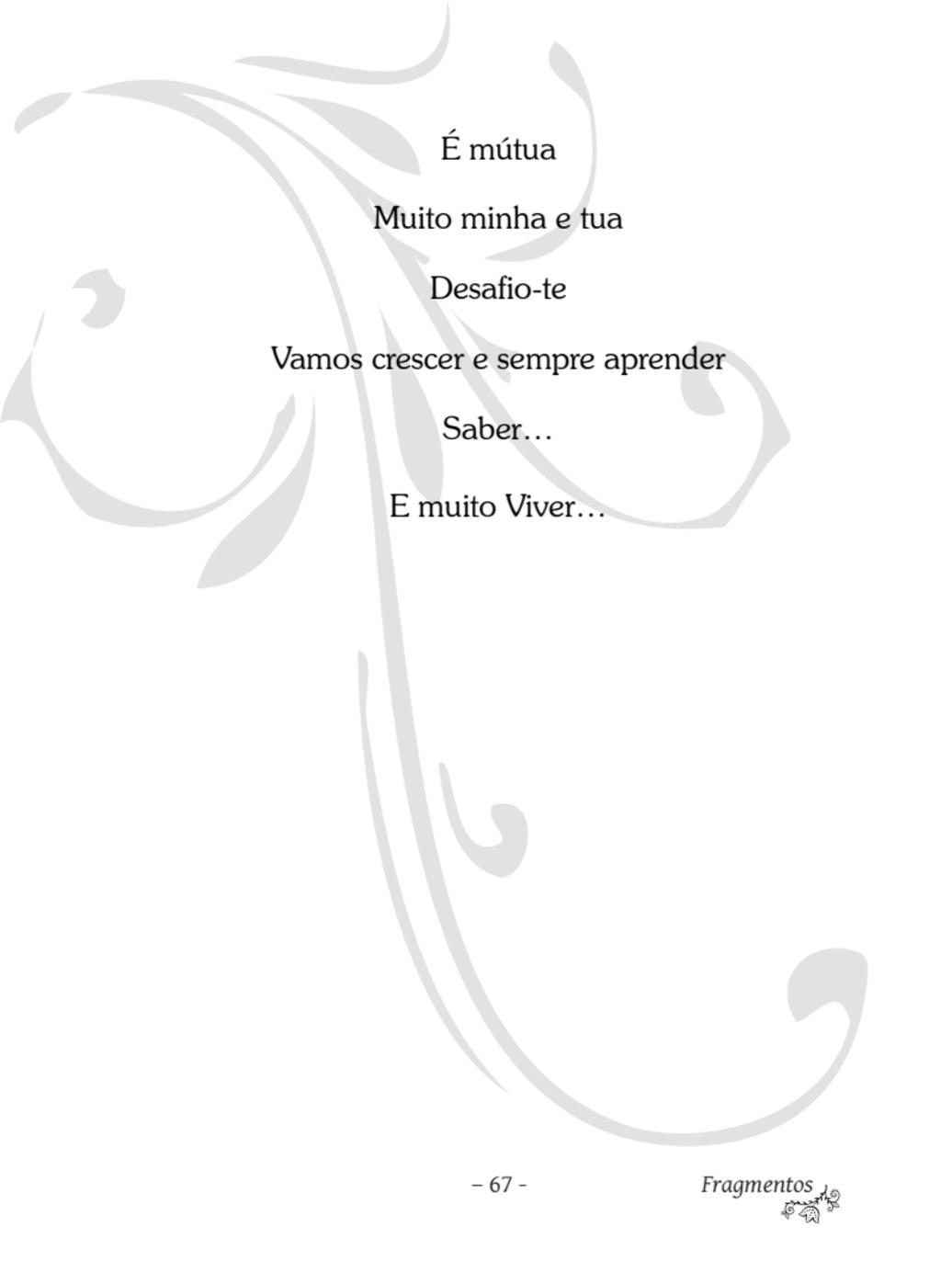
E o escurecimento tão normal
Tão banal, só e simplesmente
O madrugar e o despertar assim
Como o escurecer e o acender
Da noite mágica
E pragmaticamente
Era levitando e remando
Num bote
Com um norte, um rumo
Estridente e cintilante
Era ela, aquela
Um só ponto,
Com retorno e um mar
Tão difícil de imaginar

Era imenso e tremendo
Fúria dos oceanos
Esse para que se dirige
À viagem clandestina
Sem acolhimento
Era a esfera quadrada
Um triângulo revertido
Como uma pirâmide
De um sarcófago
De espírito de alma
Impenetrável...
Como um esquecido
Vivendo, acontecendo
Do sítio uma imagem de uma folha



Que não seca, a sua irrigação
Para a caneta e a escrita do
Nosso planeta
Cada antena, satélite
Ou simples
Fio que mantém contacto
Com o outro
Planeta e viajamos
Como arvores
Em que nascem ramos
E as flores
Do jardineiro
Que brilham o dia inteiro
São como um brilhar no luar

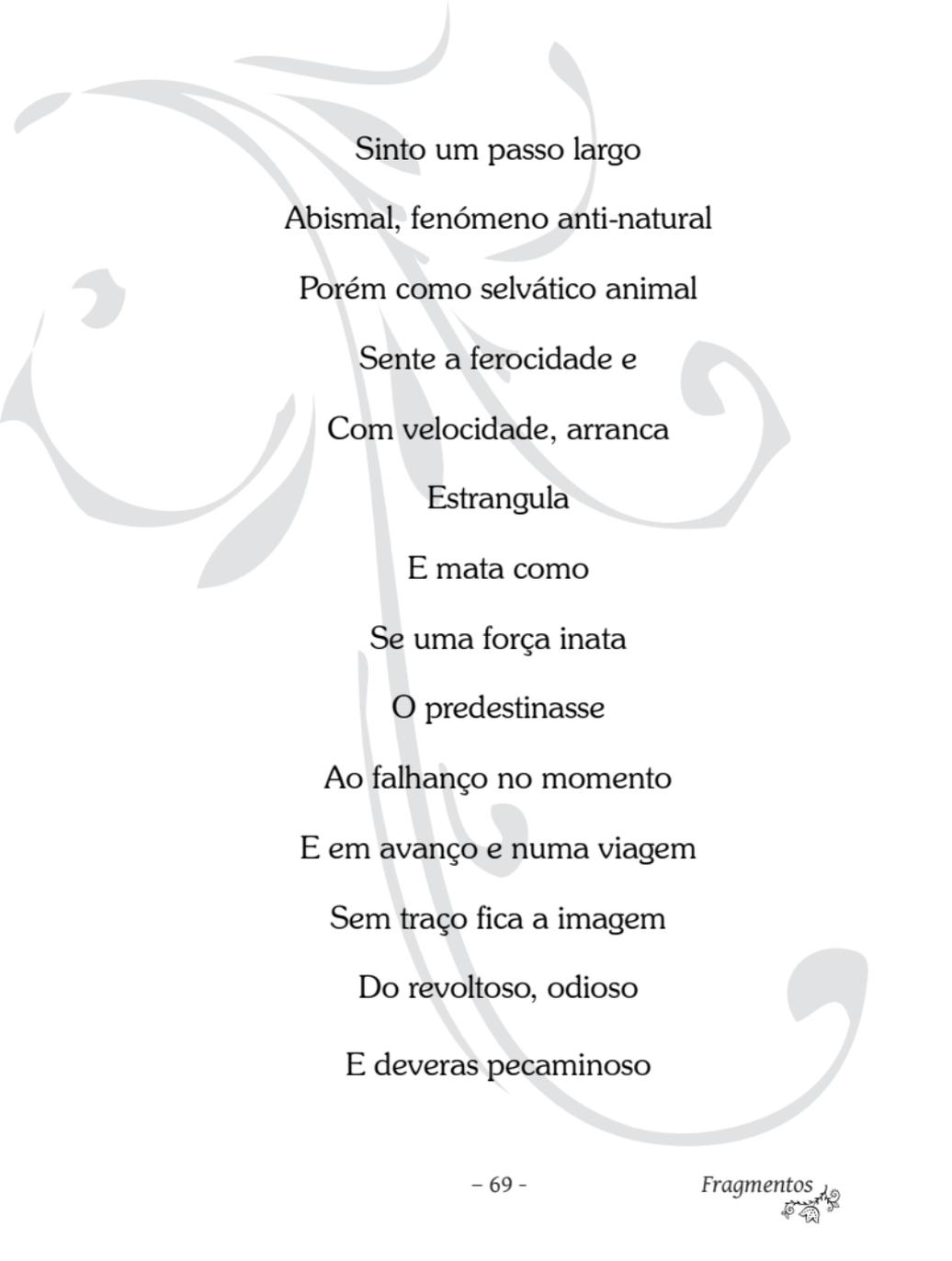
Ia acontecer
E depois
Mais um salto, mais um pulo
De ver um puto nascer e sobretudo
Vê-lo crescer e aprender e apreender
Tudo o que observa e transformado
Acto, que na língua da criança
É pele macia em supremacia
Dos filhos em relação
Aos pais e devido ensinamento
Da dupla convivência de aprendizagem
Observadora e de um aprender e saber
Como um gémeo
Que têm um par em que aprendizagem



É mútua
Muito minha e tua
Desafio-te
Vamos crescer e sempre aprender
Saber...
E muito Viver...

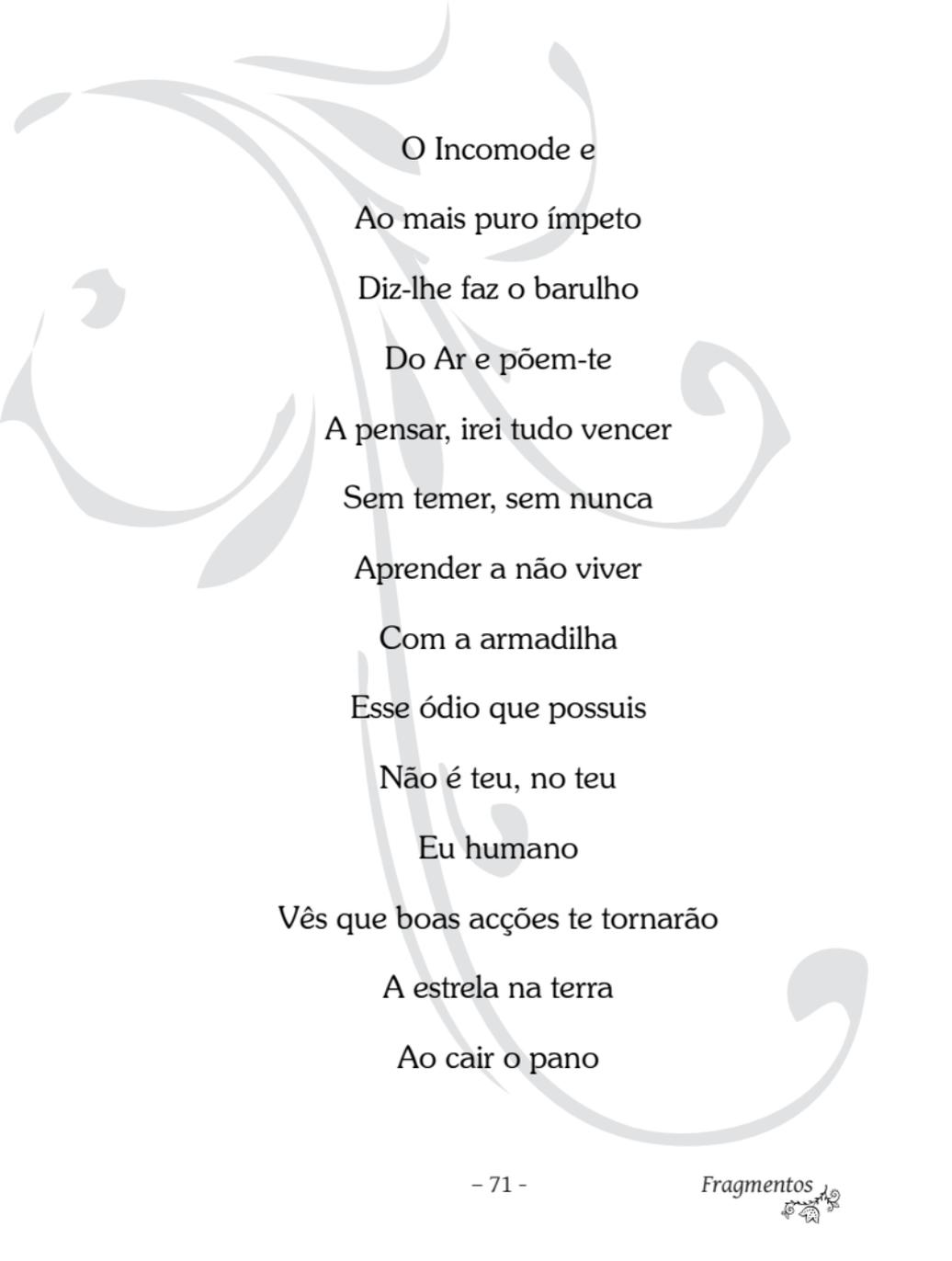
Viver

Sinto um sofrer
Que me impede de ver
Gostava de ser real
Com conduta sempre leal
Mas como um triste palhaço
Sou falso
O sorriso, a alegria do interior
Não obedece ao exterior
Sinto um flutuar
Que me faz sair do lugar
Normal seria viajar
E ficar num ponto onde se dista
Da própria vista



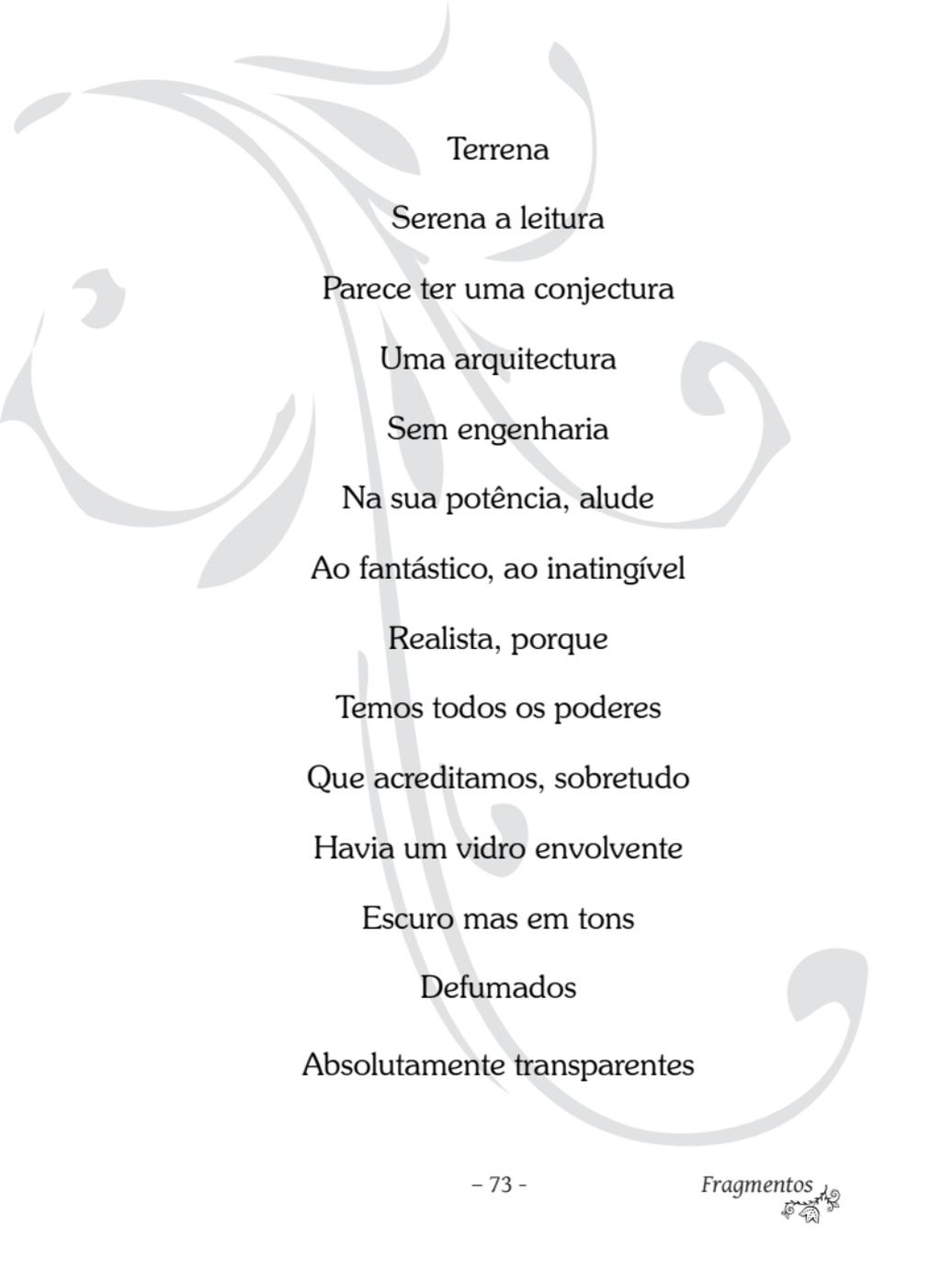
Sinto um passo largo
Abismal, fenómeno anti-natural
Porém como selvático animal
Sente a ferocidade e
Com velocidade, arranca
Estrangula
E mata como
Se uma força inata
O predestinasse
Ao falhanço no momento
E em avanço e numa viagem
Sem traço fica a imagem
Do revoltoso, odioso
E deveras pecaminoso

Eis uma jura
No céu à temperatura
Da altura, vem o fresco
Alegre e sereno
Malmequer que diz
Pára, floresce
E cresce, esse ímpeto
Violento não passa
De um mau momento
Toda a ferocidade de ser
Culminada e aprimorada
De repente deixe
Que nada
Ou quase não



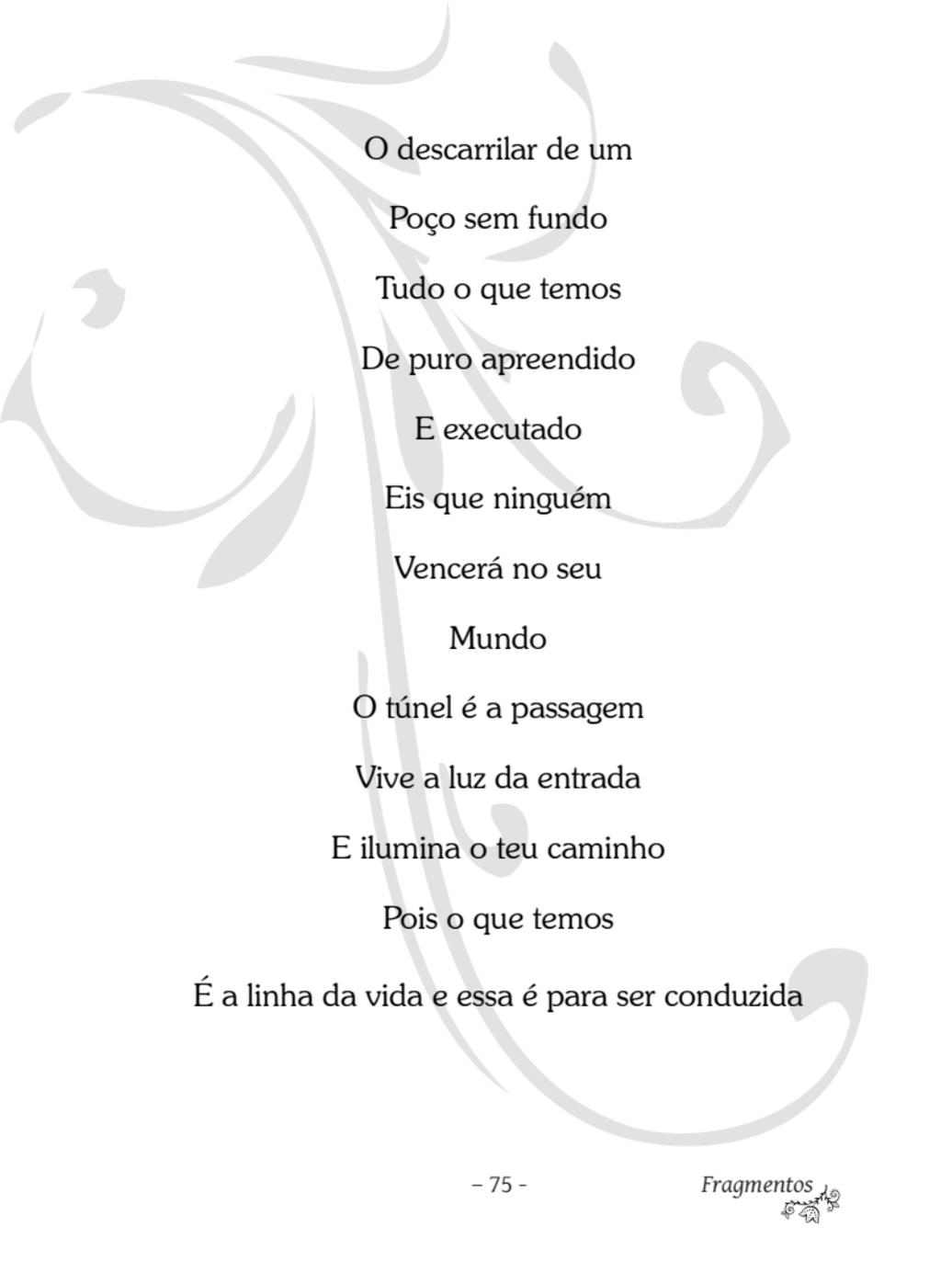
O Incomode e
Ao mais puro ímpeto
Diz-lhe faz o barulho
Do Ar e põem-te
A pensar, irei tudo vencer
Sem temer, sem nunca
Aprender a não viver
Com a armadilha
Esse ódio que possuis
Não é teu, no teu
Eu humano
Vês que boas acções te tornarão
A estrela na terra
Ao cair o pano

Peço que toquem o piano
Pois tenho um plano
Vamos
Iremos
Partindo ao chegar
Nunca te impeça
De te realizar
E voa
Plana e sobrevoa
A nuvem tempestuosa
É uma condição
Multi-factorial que nos torna
Em chuva dilacerante da
Terna e húmida face



Terrena
Serena a leitura
Parece ter uma conjectura
Uma arquitectura
Sem engenharia
Na sua potência, alude
Ao fantástico, ao inatingível
Realista, porque
Temos todos os poderes
Que acreditamos, sobretudo
Havia um vidro envolvente
Escuro mas em tons
Defumados
Absolutamente transparentes

Os valores são como
As flores têm de
Regá-los constantemente
E aquilo que é semente
Cresce na mente
Ser diferente do igual
Ao que todos temos
Instintos e ferocidade
A própria alma de Homem
Além da devida poção
Mágica é
O túnel vertiginoso no qual se
Vê a entrada uma luz
E cujo final é



O descarrilar de um
Poço sem fundo
Tudo o que temos
De puro apreendido
E executado
Eis que ninguém
Vencerá no seu
Mundo
O túnel é a passagem
Vive a luz da entrada
E ilumina o teu caminho
Pois o que temos
É a linha da vida e essa é para ser conduzida

Amor Profundo

Amor sofrido

Foi sentido também

Esquecido

No fundo meio perdido

Arrependido e vivido

Máscara

Vivendo em término

Como acabar e tudo

Finalizar, eis que por certo,

Nada tão certo como

O que não ter nada de incerto

Inserto

Mais uma linha

Ínfima e contínua de um limite

Que não deixa antever o

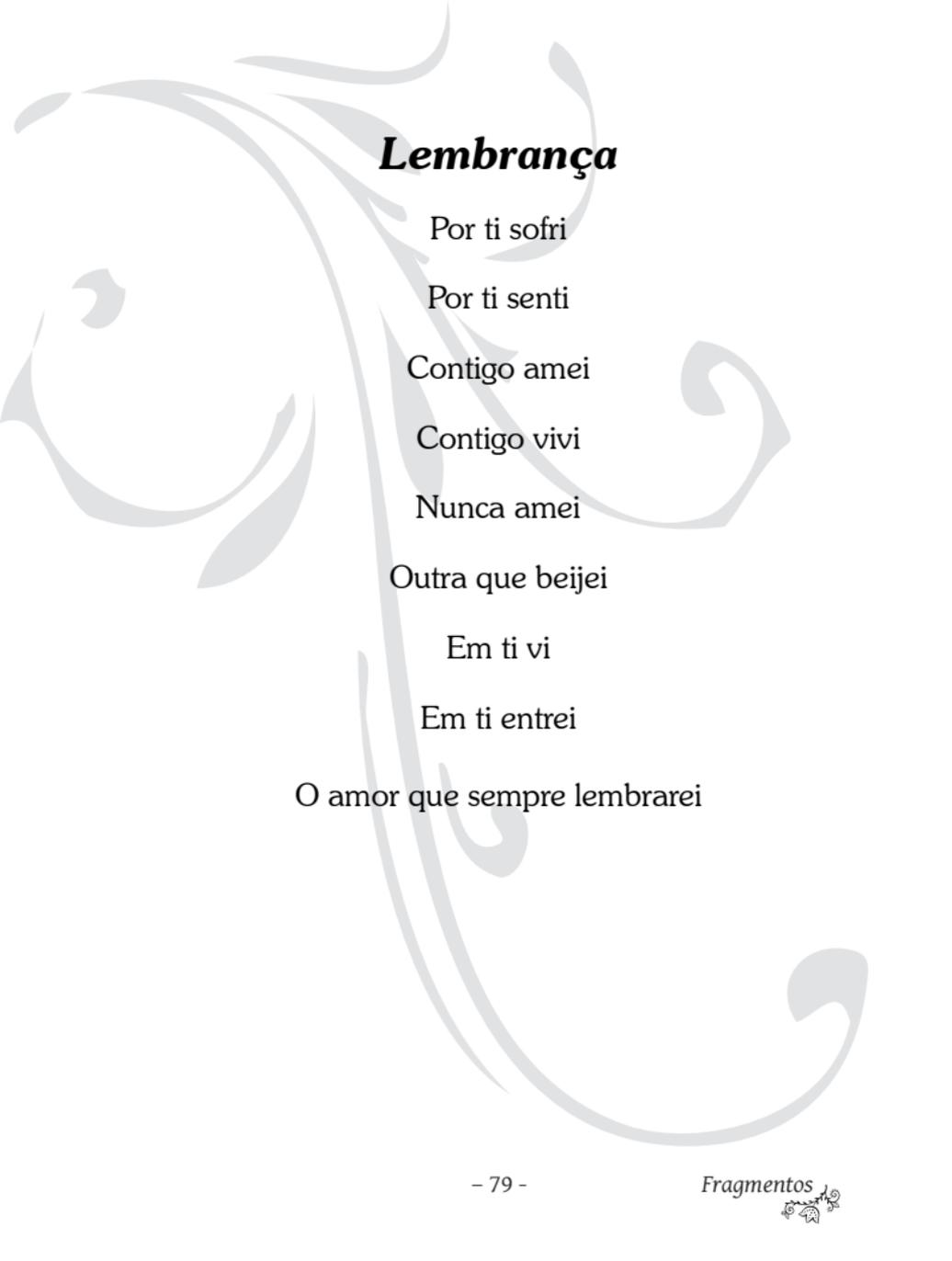
Infinito, portanto como as linhas

Temos dois pontos

O nascer e o só infinitamente

Só a face da morte

Vai chegando lentamente
Como de um sopro tudo
O que se sentiu, acabou
Porque jamais viu outro
Rosto senão o fim a
Máscara do tenebroso



Lembrança

Por ti sofri

Por ti senti

Contigo amei

Contigo vivi

Nunca amei

Outra que beijei

Em ti vi

Em ti entrei

O amor que sempre lembrarei

Senti

Nunca tanto sofrendo

Nada mais querendo

Morrendo por ti

Através de mim

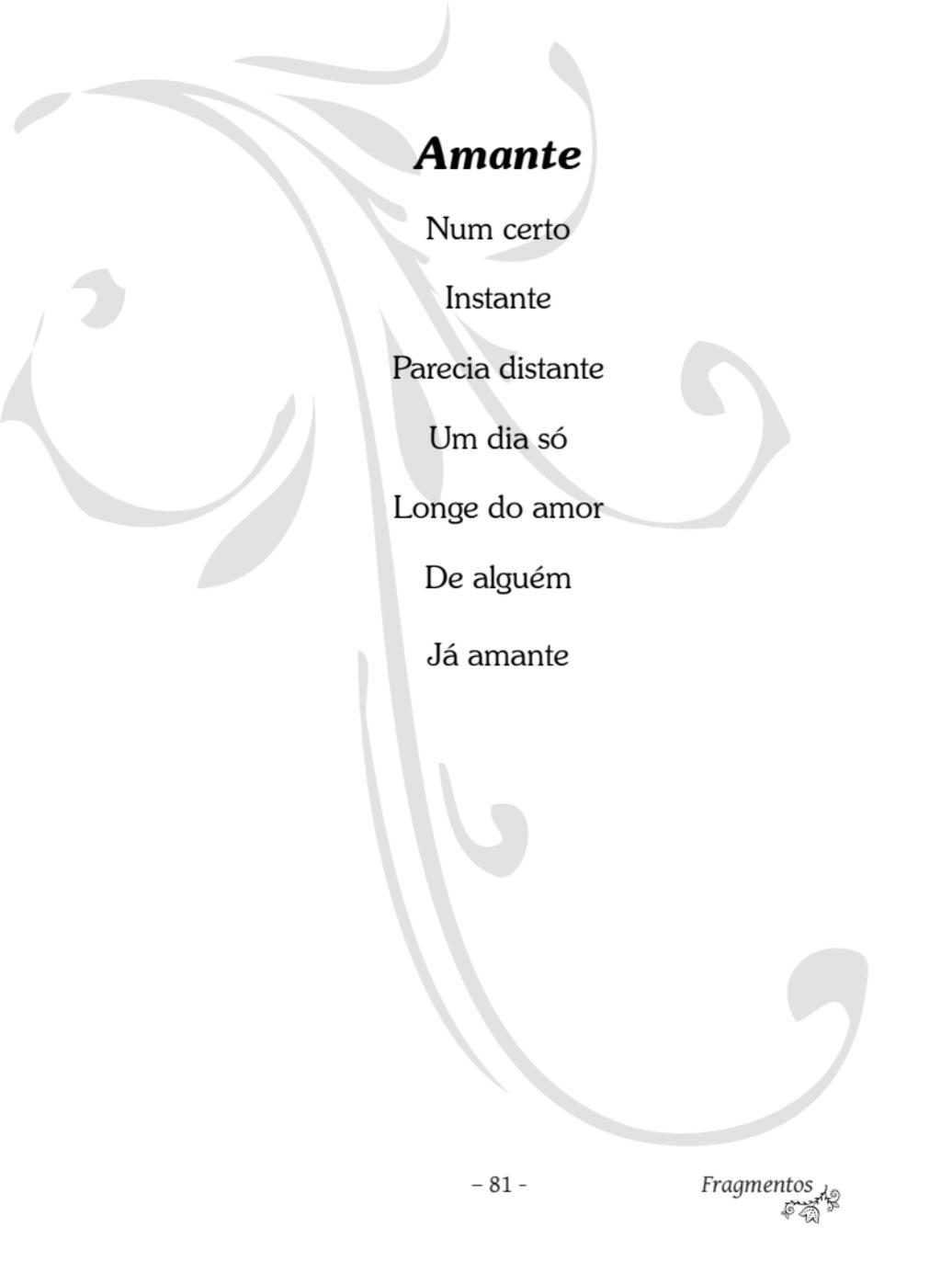
Por ti escrevi

Por tanto

Que sofri e nunca morri

E por ti jamais perdi

Só senti



Amante

Num certo

Instante

Parecia distante

Um dia só

Longe do amor

De alguém

Já amante

Reflexões

À espera de algo nascer
Ao espelho sou eu e o meu

Reflexo

Como é bom reflectir só

E não só a sua imagem

Também esta simples

Reflexão sem espelho

Foi transmitida

Noite Clara

Numa noite escura

Tão clara como a

Madrugada em que

Cantos pelo teu encanto

Se tornam como o verdadeiro

Assobio do pássaro que voa e

Todos aspiram a liberdade

Escrita

Eu...

E o maior bem
Que posso possuir
Um papel e uma
Irresistível caneta
Sobretudo aspiro
Só ao pensamento

Falecimento

Morri!

Sim, foi o princípio do fim

O início do volte-face

Sem amargura, mas também sem ternura

Era a viagem

Feita sem imagem, e sem coragem

Contrapondo o menor e o maior

Era hora de partir

Ou ficar neste lugar, imaginando

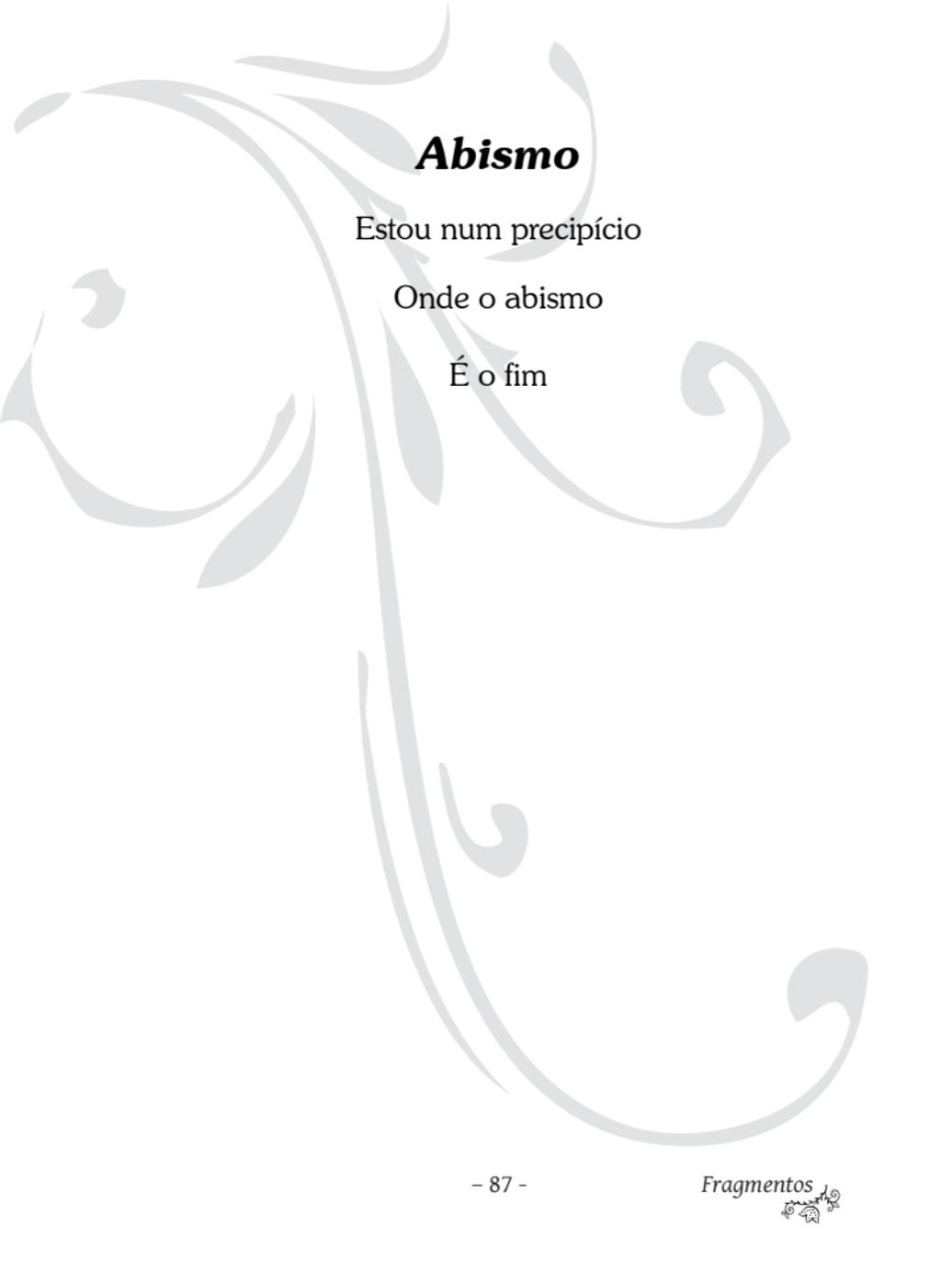
Tudo e nada de vez em quando

Ele partia, e ia ao fundo

Ao extremo que diz

Não temo, nem tremo

A viagem tem regresso
Nesse mundo imerso
Na profundidade da beleza
Que tudo o que tenho, é tudo
E de tudo, nada quero, pois quando partirei
Nada levarei, foi isto que pensei.



Abismo

Estou num precipício

Onde o abismo

É o fim

Espera

E ele andava assim, desejando e querendo

Pulando, saltitando

E fumando

Era andando sem percorrer destino

A ansiedade varia com a idade embora

Se viva sempre de modo ansiosíssimo

Esperando por algo, queremos sempre

Qualquer coisa, tudo em nós se interpõe

Como vontade própria involuntariamente

Escada

Sentei-me,

Equacionei,

Porém o resultado, não

Estava perto do esperado,

Desci a escada pelo elevador e entre

Luz e escuro e aperto eis

Que ele se manobra segundo

Própria vontade

Daí que subiu e lentamente

Desceu nunca caindo

Sede

De um rasgo,
Uma intuição
Ou destruição, esse
Pensamento é belo
Um trago do cantil
Do frigorífico
E trago para o local da sede
E tudo fica saciado e
Magnifico

Existência

Sem vontade de acabar,

Acabando...é assim

Em que ela vem...

Escuto as palavras além

Vi esse aterrorador como

Vencedor

Mais uma

Veza não

Quero ir

E por isso existo e fico

Aquém

Sol

O que foi acontecer

Senti pelo amanhecer

Um terno entristecer

Que vinha com o anoitecer

Vivi, revivi e renasço

Sou ele o poderoso

O Sol

Renascer

Na cortina da fumaça

Eis que ele aí nasça

Sem pergaminho do acontecimento

Eis que era momentâneo

E que a laje se afasta e só basta

Para viver mais uma vida

Por uma imagem

É simples veja cada instante

À sua imagem e renasça

Olhar

O perfume, o cheiro
Da insanidade, loucura
Tortura do pensamento
Tudo desvinculado
Sem parente, um órfão do
Coração, a dor de um
Só amor por tantos
Outros que fere
O olhar e mata
O desejo e a Saudade

Culminar

Só mais um instante,
Um momento vindo desse
Teu pensamento, provavelmente
Todos existimos não apenas
Como imagem virtuosa
Mas em função de uma aparência ou estado
A mente não morre
No momento de toda
A existência física
E de repente tudo se
Apaga, ou poderá culminar

Viver Morrendo

Entre viver ou morrer?

Ai!, perdão, isso coloca-se?

Óbvio, quem nunca se matou?

Todos já deixamos de viver

Um momento. Todos sem exceção

Como prazer funesto pensamos

Vamos morrer e depois logo

Vamos viver é assim

O contraditório do ridículo

Leaver

Dear Friend ... I write too far...you were
gone...my little friend...
tonight my soul...cries for you!
take my heart a chance...Please forgive
me my friend...
my freedom...lost away in heaven...
you were taken...
return 's a pleasure...so quiet...
silence, the half-way to who were died...
Forgiven...last word...

Interrompido

Se em mim evaporasse a minha alma,

nada restaria além de escombros...

secretos, alheio à fantasia.

De uma subversão emergida, flutua a

ociosidade...de mais um momento, particular...

Ser

Um som, um âmago de boca,
Um toque suave, uma cor
Um só sonhar para encantar
Num só momento, único
Desesperado e inspirado de uma acutilância,
Sem distância, sem limite
O corte do sufoco, ultrapassa o imaginário
Nesse quadro pinto sangue, de dor
Avermelhado e inflamado pelo sentido,
de não possuir um enigma, mas sim
uma realidade, uma visão.
Quando ao outro nos juntamos e vemos

como acreditar de um olhar
aprovador e encorajador de uma existência,
adulterada, invertida e espelhada.

De toda a mágoa que sinto que
a alguém devo pertencer, sem temer
a compaixão, louca, sem paixão e de pura
alma de um nó sem corrente, mas
entrelaçado, e unido, de um
só sentido, de um querer
e enfim ter, e no fim
nada ser...

Ausência

Se tocasse e visse o teu Mundo,
ficaria imundo, sem um toque
mudo de sensibilidade, de pelo
menos crer que alguém
supera a minha realidade.

A minha simples tristeza
é como toda a felicidade
atingível quanto inalcançável.

Por magia, sem ironia
de em um dia te disser, toca-me
sente, como me olhas e verás
quem eu não sou e o que

serei junto a ti.

Num ardente fósforo queima

a dor que em mim encerra

quando tudo queimar.

Nunca te tirei, aliás em ti

direi que sofres porque

nunca te deixei e saber

que vos amei e sempre

vos amarei...

